

**ALEXANDRE VELOSO DOS SANTOS**

**DO QUADRO AO CLIQUE: UMA ORALITURA REFLEXIVA EM  
MULTIMÍDIAS ACESSÍVEIS**

Produto Educacional, na forma de transcrição e roteiro de vídeo, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Catarinense – Campus Blumenau, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Peres Zago de Oliveira

**Coorientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Cardoso de Faria e Custódio

**Blumenau**

**2025**

## FICHA TÉCNICA

**Título do Produto:** DO QUADRO AO CLIQUE: UMA ORALITURA REFLEXIVA EM MULTIMÍDIAS ACESSÍVEIS

**Autor:** Alexandre Veloso dos Santos

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Peres Zago de Oliveira

**Coorientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Cardoso de Faria e Custódio

**Origem:** Produto Educacional desenvolvido no âmbito da dissertação

“Vivências e Experiências com o Moodle na EJA-EPT: Uma Autoetnografia no Curso de Formação Inicial e Continuada Integrada ao Ensino Médio com Qualificação Eletricista Industrial do IFC Blumenau”, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

**Instituição Proponente:** Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Blumenau

**Programa:** Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)

**Linha de Pesquisa:** Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica

**Público-alvo:** Educadores, especialmente da EJA-EPT, professores em formação e pesquisadores da área de Educação Profissional e Tecnológica e Tecnologias na Educação.

**Tipo de Produto:** Recurso de formação docente (Oralitura Digital Reflexiva).

**Finalidade:** Oferecer um dispositivo de práxis reflexiva para educadores, a partir de uma narrativa autoetnográfica sobre o uso de tecnologias no processo de ensino. O objetivo é transformar a angústia docente, frequentemente vivenciada

de forma isolada, em conhecimento sistematizado e partilhável, fomentando uma cultura de diálogo e de reinvenção pedagógica para um uso mais crítico, situado e inclusivo das tecnologias na EJA-EPT.

**Formato:** Recurso digital multimídia, composto por vídeo (oralitura) e transcrição textual acessível (roteiro).

**Disponibilidade:** Acesso irrestrito como Recurso Educacional Aberto (REA), sob licença Creative Commons (CC BY-NC-SA), permitindo o compartilhamento e a adaptação para fins não comerciais, com a devida atribuição de crédito.

**Avaliação:** Produto Educacional foi submetido a um processo de aplicação com educadores especialistas (professores da área de EJA-EPT, Formação de Professores e Tecnologias na Educação) por meio de instrumento específico. Sua avaliação e validação formal ocorrerão pela banca de defesa da dissertação.

**Registro:** Biblioteca do Instituto Federal Catarinense (IFC), Campus Blumenau.

**URL para Acesso:**

[https://www.youtube.com/watch?v=N0TjtTxAZN0&list=PLV2rOThnbRojHfvo5YrlsKevBjDv\\_GzZi&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=N0TjtTxAZN0&list=PLV2rOThnbRojHfvo5YrlsKevBjDv_GzZi&index=1)

**Ano:** 2025

## **TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO - PRODUTO EDUCACIONAL - DO QUADRO AO CLIQUE: UMA ORALITURA REFLEXIVA EM MULTIMÍDIAS ACESSÍVEIS**

### **Momento 1: Abertura: O Convite e o Chão Desta História**

#### **(0:00) Olá. Sejam bem-vindas, sejam bem-vindos.**

(0:03) Meu nome é Alexandre Veloso dos Santos. E a história que vou dividir é: Do Quadro ao Clique: uma Oralitura Reflexiva em Multimídias Acessíveis.

(0:15) Ela não é apenas uma história. É um convite.

(0:18) E para que todo mundo possa fazer parte dessa conversa, pensei em jeitos diferentes de chegar até você. Se não houver um interprete de Libras disponível, sugiro o uso da ferramenta online VLibras Video - Plataforma para a criação de vídeos acessíveis que disponibiliza traduções voltadas para pessoas com deficiência auditiva.

(0:43) Se prefere ler, pode ativar as legendas ou baixar o roteiro completo, com a história.

(0:52) E para quem está apenas me ouvindo, esta é a minha descrição: um homem negro, com quarenta e poucos anos e óculos de armação escura, cabelos baixo, com nariz e lábios um pouco largo....

(1:08) Dito isso, digo que... Meu corpo, minha voz, minha história são o começo de tudo. São o que tenho para oferecer, aqui, através desta narração.

#### **(1:21) De Onde se Fala?**

(1:22) Essa história que nasce do meu corpo não é contada no vazio. Ela é o coração de uma jornada de pesquisa, e fará parte da dissertação de mestrado do Prof-EPT, o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. O chão onde essa pesquisa pisou foi o Instituto Federal Catarinense, o IFC de Blumenau. E esse caminho, eu não fiz sozinho. Tive a oportunidade de trilhar sob a escuta atenta da minha orientadora, a professora Dra. Fátima Peres Zago de Oliveira, e da minha coorientadora, a professora Drª. Raquel Cardoso de Faria e Custódio. Digo isso não por formalidade, mas porque o conhecimento que a gente constrói também tem nome, sobrenome e lugar. Ele nasce desses encontros.

(2:20) Esta oralitura é, portanto, a voz daquela pesquisa escrita, que se aprofundou nas "Vivências e Experiências ao Utilizar o Moodle de Forma Pedagógica na eja-EPT: uma Autoetnografia no Curso de Eletricista Industrial do IFC Campus Blumenau".

(2:42) Autoetnografia. É um nome comprido, eu sei, mas a ideia é simples: o "auto", é o ato de olhar para a nossa própria história, o "etno", para tentar entender o mundo que nos cerca, a cultura em que vivemos. É um jeito de dizer: "Essa dificuldade que eu sinto, talvez não seja só minha. Talvez seja nossa".

(3:07) E foi assim que encontrei um jeito de transformar uma angústia que eu sentia sozinho em um conhecimento que pudesse ser partilhado.

### **(3:17) Para Quem e Como se Fala?**

(3:18) A forma que eu escolhi para partilhar essa jornada também é uma decisão. Uma história que fala sobre o medo de escrever, sobre a "cultura do silêncio", não poderia ser contada apenas com palavras no papel. Ela precisava ser dita. Precisava ter voz, pausas, respiração.

(3:38) Por isso, o que proponho a vocês não é apenas um vídeo. É um convite para vivenciarmos juntos um gênero formativo uma de oralitura digital reflexiva. Um nome que busca dar conta de três movimentos que se entrelaçam:

**Oralitura:** porque se inspira na voz e na performance, de Leda Maria Martins, para criar uma conversa de par para par.  
**Digital:** porque se apropria da tecnologia não para depositar conteúdo, mas para tecer essa conversa com os recursos que temos: a imagem, o som e, fundamentalmente, a acessibilidade.

**Reflexiva:** porque nasce da autoetnografia, da coragem de olhar para a própria prática para transformá-la, como nos ensina António Nóvoa.

(4:36) Esta história, portanto, é para você. Professora, professor, educadora, educador da EJA-EPT, que talvez já tenha se sentido, como eu, um pouco perdido ao tentar traduzir o que acontece na sala de aula para uma tela. O meu objetivo aqui não é oferecer um manual com respostas prontas, mas o registro de um percurso, na esperança de que a minha jornada funcione como um espelho para a sua.

(5:08) E por ser um espelho, essa história não foi feita para ser um monólogo. Ela é um Recurso Educacional Aberto, o que significa que ela é sua também.

Você pode usar, compartilhar, adaptar... a única condição, pela licença Creative Commons que a protege, é que a partilha continue sendo generosa, sem fins comerciais, e que o crédito seja dado à fonte. É um conhecimento que nasce da partilha e que só cresce se continuar a ser partilhado.

(5:41) Então, o convite está feito. Podemos começar?

## **Momento 2: A Práxis Forjada na Presença**

### **(5:48) A Gênese do Saber**

(5:49) A nossa história começa não com um problema, mas com uma certeza. Uma certeza que eu sentia nas minhas mãos, muito antes de eu ter palavras para explicar.

(5:59) O chão de onde falo é uma sala de aula, de uma turma do Curso de Qualificação Profissional em Eletricista Industrial, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica.

(6:14) Mas a minha primeira escola..., a minha primeira escola não tinha lousa nem carteiras. Era a oficina mecânica de meus pais. O cheiro não era de giz, era de graxa e óleo diesel. O som não era de pessoas conversando, era de metal batendo em metal. Foi um jeito de aprender que entrou primeiro pelos olhos, pelas mãos, pelos ouvidos... muito antes de chegar na mente.

(6:48) Meu pai consertava motores a diesel, na maioria de caminhões. Ele nunca olhava para um motor quebrado e dizia: "Isso aqui é lixo". Não. Ele via um quebra-cabeça. Ele sempre falava: "Se já funcionou um dia, tem um jeito de fazer funcionar de novo". O jeito dele de trabalhar era quase científico. Ele precisava ouvir o barulho do motor, ver a cor da fumaça saindo do escapamento, até encontrar aquela peça que estava atrapalhando todo o resto.

(7:25) Anos depois, eu descobri que um pensador da educação brasileira, chamado Dermeval Saviani, deu um nome para essa lição: Trabalho como Princípio Educativo. E a ideia que ele traz, que para mim fez tanto sentido, é que a gente se forma, a gente se educa, enquanto a gente transforma o mundo ao nosso redor. Ao consertar aquele motor, meu pai não estava só consertando uma máquina. Ele estava exercitando um jeito de pensar, de investigar, de resolver problemas. Ele estava se educando.

(8:03) Eu não sabia o nome que os livros davam para isso, mas o meu corpo..., o meu corpo já guardava essa ciência. E foi essa lição que eu levei comigo.

### **(8:16) O Território Pedagógico**

(8:17) E foi essa lição da oficina que eu levei para a minha sala de aula. Quando eu via um aluno travado num problema, eu não pensava: "Nossa, como ele é fraco". Eu pensava como meu pai: "Tem uma pecinha travada aí. Vamos descobrir qual é". Eu não via um erro a ser repreendido. Eu via uma pessoa pedindo para ser escutada.

(8:51) E essa descoberta não acontecia da minha mesa de professor. Não. Acontecia no meio deles. Meu território pedagógico era o espaço físico entre as carteiras. A minha prática era uma espécie de... coreografia.

(9:12) Eu andava pela sala. Parava. Me abaixava para olhar o caderno de perto. Eu sentia quando um aluno hesitava, só pelo jeito como ele segurava o lápis. A aula não era um depósito de fórmulas, porque o conhecimento nascia ali, nesse corpo a corpo com a dúvida. As caretas que eles faziam eram minhas pistas mais importantes.

(9:44) A mediação era imediata, alimentada por um fluxo de comunicação que a tela, eu viria a descobrir, não comporta. Aquilo que eu tinha vivido antes, mas que a prática cotidiana me fez esquecer.

(9:58) A testa enrugada, o balançar de cabeça e, o melhor de tudo, aquele silêncio denso de quem está quase entendendo... e de repente, aquele "Ah, agora entendi, agora eu saquei, agora todas as peças se encaixaram!".

(10:16) Para mim, isso tudo se revelava como uma linguagem que a gente não escreve, mas que a gente sente. Eu tinha a impressão de que era uma linguagem que só ganhava potência de verdade, quando as pessoas estavam juntas, no mesmo lugar, respirando o mesmo ar. O quadro era o epicentro de uma construção coletiva. Eu lançava um desafio, simulava um erro, pedia ajuda, perguntava: "E agora? O que fazemos?". Eu queria que eles se sentissem coautores da solução.

(10:54) Essa era a minha certeza. Uma prática que dependia dessa presença física, dessa leitura sensorial do ambiente.

### **(11:00) A Lente Teórica**

(11:01) Essa minha prática intuitiva encontrou nome e fundamento anos mais tarde, quando me deparei com as ideias de um educador chamado Miguel González Arroyo.

(11:12) Arroyo nos alerta sobre um risco que a escola corre: o de olhar para os estudantes da EJA apenas pelo que lhes falta. Pelo "atraso". A escola, muitas vezes, tende a querer apagar a história que esses sujeitos trazem consigo. Mas o que Arroyo nos mostra é que esses homens e mulheres não são definidos pela ausência. Pelo contrário.

(11:38) Eles são marcados por outras trajetórias. Outros tempos, outros ritmos, outros saberes, construídos na dureza e na beleza da vida. Ler isso foi como acender uma luz sobre a minha própria sala de aula. Eu entendi que, quando eu me abaixava para olhar o caderno de um aluno, eu estava, sem saber, tentando respeitar o tempo daquele sujeito. A minha intuição de "mecânico de aprendizagens" encontrava, finalmente, sua tradução pedagógica. Eu percebi que o meu verdadeiro desafio era construir uma pedagogia que dialogasse com a riqueza que eles traziam, em vez de negá-la.

(12:28) Essa era a minha certeza. Uma prática que partia do reconhecimento do outro, não pela falta, mas pela potência. Uma certeza que, em breve, seria colocada à prova.

### **Momento 3: A Crise da Transposição**

#### **(12:45) A Ilusão da Neutralidade**

(12:46) E foi com toda essa certeza na bagagem que eu tive que levar a minha sala de aula para um lugar onde os corpos não se encontram: a internet.

(12:56) No começo, eu confesso, pensei: "Moleza!". Afinal, mesmo sendo entusiasta de maneiras digitais de ensino e aprendizagem, com experiência como instrutor de cursos online para professores, Gerente de Curso em Ambientes Virtuais, com as experiências de 2 anos de aulas online por causa da covid-19. Eu acreditei na ilusão da transposição, a crença de que a tecnologia era apenas um canal neutro. Bastaria digitalizar os materiais, deixar à disposição alguns vídeos para as partes mais complicadas e replicar a lógica da sala de aula na tela. O que poderia dar errado?

(13:41) Ancorado nessa ilusão, eu planejei o semestre: Leitura Obrigatória em PDF, Videoaula Explicativa, Lista de Exercícios em PDF... Sem perceber, eu estava recriando, em uma versão digital, o que o educador Paulo Freire chamou de "educação bancária". A lógica era a mesma. O conhecimento era tratado como um "depósito". Eu, o professor, depositava o conteúdo em arquivos. Eles, os estudantes, isolados, eram os "depositários". O diálogo, a troca, a construção conjunta... tudo foi substituído por uma lógica de consumo de informação e isolamento.

(14:32) O que eu viria a reconhecer, é que a mediação tecnológica parece não ser neutra. Para mim, mudar para o ambiente virtual dessa vez, se pareceu mais com mudar de país, onde as regras de comunicação, as linguagens e as culturas são outras.

(14:52) E a primeira resposta do sistema a essa minha prática... foi o silêncio.

#### **(14:56) O Evento Crítico**

(14:57) E não era aquele silêncio bom, nem o silêncio de quem está quase descobrindo uma resposta. Não. Era um silêncio pesado, gelado. O silêncio de um quarto vazio.

(15:12) Eu acessava o ambiente virtual de ensino e aprendizagem quase todos os dias e o que eu encontrava era... nada. Aquele silêncio começou a fazer um eco dentro de mim: "Será que eu estou falando sozinho?". E a minha primeira reação... foi a frustração. Eu pensava: "Puxa, o material está lá, bem explicado... por que eles não estão nem aí?". Eu estava achando que o silêncio deles era apatia, como desinteresse. Mas era um erro de diagnóstico.

(15:50) Foi então que um evento específico tornou a reflexão inevitável. Eu havia preparado um arquivo em PDF de quinze páginas sobre sistemas lineares. Dias depois, meu celular apitou. Era uma mensagem de áudio de um dos meus estudantes do curso, um jovem que já havia sido meu estudante em outra oportunidade, no ensino médio regular.

(16:17) "Professor, boa noite. Desculpa incomodar uma hora dessas... É que eu queria avisar que não consegui abrir aquele arquivo que o senhor mandou... aquele dos gráficos. Tentei no meu celular, mas ele travou tudo, não carregava. E aí, quando vi, já tinha comido todos os meus dados. Agora tô sem internet até o mês que vem. Desculpa mesmo, professor."

(16:40) Aquele áudio... me pareceu quase um minuto... Aquela "desculpa"... Aquilo me surpreendeu. Com o tempo acabei me acostumando com a minha situação de vida, e o pior, esquecendo que as pessoas vivem situações diferentes da minha.

### **(16:59) A Análise da Crise**

(17:00) Eu ouvi mais uma vez, mas já estava claro. Ele não estava se desculpando por um problema técnico, estava se desculpando por sua condição material: A vida real, cheia de desafios, problemas e belezas. Daí para os momentos de estudos aparece a minha plataforma, com seus PDFs pesados e sua lógica acadêmica, não dialogava com essa vida. Ela exigia um tempo e um tipo de acesso que eles simplesmente não tinham.

(17:34) Foi a teoria que nomeou o que eu estava vivendo. Eu entendi, lendo a pesquisadora Acácia Kuenzer, que havia criado um perfeito dispositivo de "inclusão excludente". Meus alunos estavam incluídos formalmente no sistema, matriculados. Mas a minha prática, ao ignorar a realidade concreta deles, os excluía do direito de aprender.

(18:04) Compreendi, com Paulo Freire, que aquele silêncio não era apatia, mas um sintoma da "cultura do silêncio". Um processo em que o sujeito, confrontado com uma estrutura que não o reconhece, se cala. O meu Moodle, sem querer, estava dizendo a eles: "Este lugar não foi feito para vocês. A culpa é sua".

(18:32) A tecnologia, que no discurso oficial aparecia como uma ferramenta de democratização, na minha prática se revelou como um espelho que amplificava a desigualdade. A dissociação entre a ferramenta e a vida real dos sujeitos era a verdadeira barreira.

(18:53) Naquele momento, eu finalmente entendi. O que eu tinha construído não era uma sala de aula virtual. Era um muro. Um "Muro de PDFs". Um muro erguido não pela tecnologia, mas pela minha própria falta de escuta.

(19:11) Aquele pedido de desculpas quebrou o meu silêncio e me obrigou a começar a construir pontes.

### **Momento 4: A Reinvenção da Práxis**

#### **(19:20) Primeira Ponte (Materialidade)**

(19:21) Aquele áudio me fez ver que era preciso mudar. E foi dessa escuta que nasceu um novo plano. Eu entendi que não adiantava ficar bravo com o muro. Eu precisava construir pontes. E a primeira, a mais urgente, precisava lidar com a realidade concreta dos meus estudantes. O "Muro de PDFs" precisava vir abaixo.

(19:52) Para isso, adotei duas práticas. Primeiro: Quebrei as lições em micromódulos. Pílulas de conhecimento, mais fáceis de "engolir". Segundo: Diversifiquei os formatos. Passei a gravar áudios curtos, a escrever textos diretos e a usar desenhos simples.

(20:22) Isso não era um "jeitinho". Era uma decisão fundamentada nos princípios da Acessibilidade Digital. A ideia é simples: em vez de criar um material e depois "adaptá-lo", a gente já projeta, desde o início, um material que ofereça múltiplos caminhos. É como construir uma ponte com várias pistas: uma para quem ouve, outra para quem lê, outra para quem vê. A história que eu vivi lá atrás me ensinou a construir esta história para vocês hoje.

(21:04) Essa foi a primeira ponte. Mas só isso não bastava.

### **(21:08) Segunda Ponte (Diálogo)**

(21:09) Pontes não adiantam se ninguém se sente seguro para atravessar. O silêncio nos fóruns precisava virar... conversa! E eu entendi que a gente não fica esperando a conversa acontecer; a gente provoca a conversa.

(21:26) Eu parei de criar fóruns com títulos chatos como: "Dúvidas sobre a Aula 3?". Aquilo tem cara de prova, e o medo de errar paralisa. Em vez disso, comecei a lançar desafios: "E aí, pessoal, pensem comigo: uma camiseta com 10% de aumento e depois 10% de desconto. Ela voltou ao preço original?".

(21:54) Na minha experiência, uma pergunta assim pode mudar a dinâmica. Parece um convite à curiosidade. E diminui o medo de errar, porque o que importa é o processo. Essa simples mudança de rota materializa o que Paulo Freire e Antonio Faundez chamaram de "Pedagogia da Pergunta", a ideia que me inspirou foi a de que uma educação potente talvez não comece com respostas, mas com boas perguntas.

(22:25) Se partimos de perguntas não existir acertos e erros. E para que o erro virasse parte da brincadeira, minha postura como mediador mudou. Passei a valorizar a tentativa, não apenas a resposta certa. Meu papel se tornou o de um

tecelão: conectando ideias, fazendo novas perguntas e demonstrando que o erro é parte bem-vinda do processo de aprender. O silêncio começou a ser quebrado, não porque os alunos mudaram, mas porque o ambiente se tornou mais seguro aceitando erros e acertos.

(23:17) E para você? Qual seria a primeira ponte a ser construída na sua prática? Que pequena mudança poderia transformar o silêncio em diálogo no seu contexto?

#### **(23:31) Terceira Ponte (Presencialidade)**

(23:32) A crise com o ensino virtual me fez perceber como o tempo presencial era precioso. Como nos lembra Miguel Arroyo, o tempo dos nossos estudantes é disputado por múltiplas jornadas. O momento síncrono é um recurso raro demais para ser desperdiçado com mera exposição de conteúdo.

(23:59) Os alunos não chegavam mais "zerados". Chegavam com dúvidas reais, nascidas do contato prévio com o material. O encontro virou o momento de aplicar, de debater em grupo, de conectar a teoria com a prática.

(24:13) Naquele momento, o que estava nos documentos, nos textos teóricos, se fez prática viva. Aquilo era a Educação Integrada que a LDB preconiza e que autores como Dermeval Saviani e Marise Ramos defendem. Não apenas a integração de disciplinas, mas a integração entre teoria e prática, entre o saber do trabalho e o saber da escola, entre a modalidade a distância e a potência do encontro presencial.

(24:50) A minha prática, que antes era a de um "mecânico de aprendizagens" solitário, se tornou a de um mediador de uma comunidade de aprendizagem. Meu papel não era mais diagnosticar o "defeito" no aluno, mas criar um ambiente onde o próprio coletivo, em diálogo, construísse as soluções.

(25:12) Essa foi a ponte mais difícil, mas também a mais sólida. A ponte que me ensinou que, na EJA-EPT, a tecnologia não substitui a presença. Ela a potencializa. Ela pode e deve preparar o terreno para que o encontro humano seja o que ele tem de mais potente: um ato de construção conjunta de conhecimento. E essa foi a lição final desta jornada.

#### **Momento 5: Fechamento: A Síntese da Jornada**

### **(25:42) A Lição do Limite**

(25:43) E assim, depois de toda essa caminhada, eu cheguei à lição mais importante de todas. O que eu percebi foi que, por mais incrível que seja a internet, parece haver uma parte da vida que a tela do computador tem dificuldade em abraçar. A vida é muito mais analógica do que digital.

(26:02) Reconhecer isso não é ser contra a tecnologia. É um ato de realismo pedagógico. É só entender que a tecnologia é uma ferramenta superpoderosa, mas limitada. E essa foi, talvez, a maior lição que eu tirei de tudo isso. O vínculo, o afeto, a construção de uma comunidade... para mim, isso se revelou como o elemento mais importante. Eu passei a acreditar que é o chão firme sobre o qual qualquer aprendizado pode, de fato, acontecer.

(26:42) E essa lição não poderia se esgotar em uma reflexão solitária. Ela precisava se transformar em um último convite.

### **(26:48) O Convite à Práxis Reflexiva**

(26:49) A minha jornada termina aqui. Mas eu espero que a de vocês esteja apenas começando. E por isso, eu quero terminar com um convite. Comecem a narrar a sua própria prática.

(27:04) Isso mesmo. Peguem um caderno, o gravador de áudio, e contem. Comecem um "diário de bordo". Porque eu acredito que este exercício de escrita de si pode ser o primeiro e mais poderoso passo para a transformação. É o que o pesquisador António Nóvoa defende como o cerne do nosso desenvolvimento: a nossa identidade profissional se constrói na reflexão sobre a nossa própria prática. Quando a gente transforma um sentimento confuso em palavras, a gente transforma a angústia em análise. E a análise nos dá coragem para agir.

(27:40) Mas a jornada não termina aí. Esse é só o primeiro passo.

### **(27:44) Do "Eu" ao "Nós"**

(27:45) Depois de transformar a angústia em análise, o segundo e mais importante passo é: levem essa reflexão para o diálogo. Compartilhem uma inquietação com um colega. Vocês vão descobrir uma coisa incrível: a sua angústia não é só sua. Aquele sentimento que você achava que só você tinha? Um monte de gente também sente. É nesse momento que o nosso "eu" encontra o seu "nós". É aí que a gente percebe que não está sozinho no mundo.

(28:18) E foi aí que eu descobri que a jornada de reinventar a nossa prática não é um trabalho para super-heróis solitários. É um trabalho de time, que fica mais forte a cada conversa. E a sensação que fica para mim é esta: a de que a gente pode sempre começar de novo. E que, talvez, a gente comece melhor quando a gente começa junto.

(28:40) Esta oralitura, a minha história, se encerra aqui. Mas eu espero que ela sirva como um convite. Um convite para escutar, para entender e para criar novas formas de conexão. Um convite para que, juntos, a gente se inscreva no mundo, contando outras histórias.

**(28:59) O DIÁLOGO CONTINUA.**

(29:00) Partilhe uma reflexão sobre a sua própria prática em nosso "Terreiro Digital". O link está na descrição deste vídeo.

(29:10) Obrigado por escutarem.